EDUCAÇÃO DO CAMPO: FORMAÇÃO E COTIDIANO

Vargas, Monique Francielle Castilho[1]; **Fachin, Viviane Scalon**[2]
[1]Acadêmica do curso de História-UEMS/Amambai, bolsista do PIBIC/CNPq. monique_vargas1@hotmail.com
[2] Professora orientadora, Curso de História – UEMS/Amambai. sfviviane@uems.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados obtidos na execução do projeto Educação do campo: Formação e cotidiano. Esta pesquisa buscou analisar o desenvolvimento escolar dos alunos que residem no campo, mas que se deslocam todos os dias até a cidade de Amambai-MS para estudar na Escola Estadual Coronel Felipe de Brum. Ao estudar os alunos do campo e seu cotidiano escolar foram encontrados inúmeros problemas como: transporte deficiente, alimentação inadequada e o cansaço diário pelo fato de acordarem muito cedo. Após ter tomado conhecimento de todos esses fatos o intuito principal é expor os resultados de como está se desenvolvendo o processo de aprendizagem desses estudantes. Sendo assim, os dados obtidos que serão apresentados a seguir procuraram ser mais qualitativos do que quantitativos.

Palavras-chave: Alunos. Processo de aprendizagem. Identidade.

ABSTRACT

This paper present the results achieved in implementing the project of education field: training and daily life. This study sought to analyze the development of school students who reside in the field, but moving every day to the city of Amambaí-MS to study the State School Colonel Felipe de Brum. When considering the students of the field and their daily school found numerous problems as poor transportation, daily fatigue and inadequate nutrition due to agree very soon. Having taken note of all these facts the primary purpose is to present the results of how it is developing the learning process of students. Thus, the data will be presented below sought to be more qualitative than quantitative.

Keywords: Students. The learning process. Identity.

INTRODUÇÃO

A finalidade do presente trabalho é apresentar os resultados finais da pesquisa Educação do campo: Formação e cotidiano. Buscar-se-á em primeira instância apresentar as principais características das relações de trabalho existentes do sistema feudal até a consolidação do sistema capitalista. É importante fazer este recorte pelo fato de que a sociedade feudal era constituída por pessoas que moravam no campo e

trabalhavam na terra, no cultivo de alimentos (agricultura) e na criação de animais (pecuária).

Pautou-se por esse procedimento, pois ao comparar as condições de trabalho que o homem do campo de hoje esta submetido encontram-se resquícios da mesma dominação existente no passado, no entanto, a exploração no capitalismo é uma exploração maquiada aos olhos da massa, pois o discurso capitalista mostra-se cheio de boas intenções, oferecendo promoção (melhoria) de vida para todos e todas, porém basta observar a sociedade para enxergarmos que esta não é a realidade que vivenciamos.

Partindo desta breve análise ficará mais fácil entender porque a educação de qualidade é de difícil acesso para aqueles que pertencem à classe oprimida[1], e mais difícil ainda é para os alunos do campo (objeto desta pesquisa) que para chegarem até a escola enfrentam uma árdua jornada todos os dias. Portanto, o cerne desta pesquisa é o aluno do campo, e as dificuldades enfrentadas por ele para conseguir êxito em seus estudos, em outras palavras como está sendo desenvolvido o processo de aprendizagem desse estudante.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa em questão primeiramente pautou-se em pesquisas bibliográficas referentes às condições de vida do homem do campo e em especial a obras e autores de relevância na temática educação. Após os primeiros estudos de fundamentação teórica, foi iniciada a pesquisa de campo, na qual buscou-se subsídios através das visitas diárias na escola, observações durante o período de aula feita de sala em sala, conversas informais com os alunos e os professores, uma vez que a direção não autorizou para que se realizasse entrevistas com a presença de gravadores e por último aplicação de um questionário elaborado pela proponente do projeto e sua orientadora, servindo de respaldo para todos os pontos discutidos durante a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[1]Ver em FREIRE**,** Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.48-60.

No decorrer dos primeiros meses de desenvolvimento desta pesquisa optou-se primeiramente por investigar, por meio de bibliografias, as condições dos trabalhadores do campo, que antes do surgimento do capitalismo[2] já eram explorados por aqueles que detinham o poder econômico. Pressupõe-se que a partir de um breve esclarecimento das relações de trabalho existentes no sistema feudal (sistema econômico que antecedeu o atual) podem-se criar subsídios que fará com que o projeto cresça e deixe o mínimo possível de lacunas.

Abordar os aspectos mais importantes das relações entre senhores e servos (trabalhadores), tem como objetivo facilitar a compreensão de todos e todas de que o homem que só possui sua força de trabalho como forma de sobrevivência se submete a condições desumanas de trabalho.

Considerando as palavras de Léo Huberman, "A sociedade feudal consistia dessas três classes – sacerdotes, guerreiros e trabalhadores, sendo que o homem que trabalhava produzia para ambas as outras classes, eclesiástica e militar" (1986, p. 3). No período feudal grande parte da sociedade era do campo, portanto o trabalho era na terra, cultivando o grão, criando animais para utilizar a lã e o couro nas vestimentas, e a carne na alimentação, em que o trabalho agrícola predominava.

Essas terras agrícolas estavam divididas em áreas conhecidas como feudos, onde cada feudo tinha um senhor, ou seja, era ele quem determinava as condições de trabalho. Como citado acima, as condições de trabalho eram de extrema exploração, pois os servos para cultivar nas terras que arrendavam dos senhores feudais tinham que trabalhar a maior parte do tempo nas terras[3] onde o senhor estava cultivando, com isso sobrava-se pouco tempo para trabalhar nas terras arrendadas. Além do mais tudo o que produziam nas terras arrendadas era obrigatório passar uma parte ao senhor feudal como forma de pagamento. Tendo em vista essas relações de trabalho existentes no sistema feudal, é fácil de perceber que as condições de vida dos trabalhadores eram de extrema miséria[4].

---

[2] Ver em HUBERMAN, Léo. *História da Riqueza do Homem*; tradução de Waltencir Dutra - 21ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 02-15.
[3] Relação de trabalho conhecida como corvéia.
[4] Ver em HUBERMAN, Léo. *História da Riqueza do Homem*; tradução de Waltencir Dutra - 21ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p.05.

Como exposto no início é necessário fazer uma pequena reflexão sobre as relações de trabalho no sistema feudal, pois as condições atuais do trabalhador do campo ainda são permeadas por algumas características feudais. Observando previamente esta afirmação é coerente dizer que se acaba de cometer um anacronismo, mas, ao buscar conhecer a vida do homem do campo (trabalhador) de hoje percebe-se que este também trabalha para sobreviver, e dificilmente conseguirá seu próprio pedaço de terra (propriedade) unicamente com a remuneração de seu trabalho.

Antes de apontar todas as peculiaridades do sistema capitalista é necessário saber quando o mesmo surgiu. São inúmeras as discussões que envolvem a queda do feudalismo e consequentemente o surgimento do capitalismo, tanto que a transição demorou aproximadamente trezentos anos.

Um dos primeiros autores a buscar as causas que levou o sistema feudal a ser superado foi Maurice Dobb[5] que, diz que foram os próprios problemas internos do feudalismo que estimulou sua queda. O comércio também impulsionou dando subsídios para o surgimento de um novo sistema econômico. Entretanto, ele também acreditava que o desenvolvimento das cidades contribuiu com a crise do feudalismo, pois houve uma fuga da terra em proporções elevadas por parte dos camponeses (trabalhadores), o que resultou em um aumento excessivo a população urbana. Considerando as palavras do autor foram estes os acontecimentos preponderantes para o declínio do feudalismo, pois os camponeses almejavam encontrar nas cidades melhores condições de vida.

É importante lembrar que durante este período de transição o que existiu foi o mercantilismo, ou seja, a prática intensa de comércio que é a conseqüência da ampliação de horizontes econômicos propiciada pelos descobrimentos marítimos do século XV. Enfim são diversos os fatores que impulsionaram o declínio do feudalismo, mas aqui foram ressaltadas de forma sucinta as primeiras discussões que buscaram encontrar explicações para este acontecimento que rompeu com todo um processo histórico e econômico.

[5] Ver em DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Tradução: Manuel do Rego Braga. (nova edição e tradução). Rio de Janeiro. JC editora, 1987. p. 42-90.

O capitalismo foi se consolidar de vez no século XVIII com a Revolução Industrial[6], a partir daí o homem perdeu o papel principal no meio de produção (trabalho) cedendo lugar para a máquina. Dentro do sistema capitalista o homem (trabalhador) foi reduzido simplesmente à força de trabalho, sendo assim não existe outra saída a não ser vender este único bem que lhe pertence. A exploração da força de trabalho que fazia parte do cotidiano do senhor feudal está inserida no sistema capitalista adotado pelos grandes latifundiários, pois conhecendo às necessidades dos homens pobres e sabendo que estes se submetem a qualquer tipo de exploração, desde que esta lhes garantam o mínimo para a sua subsistência, aproveitam para explorá-los intensivamente, ou seja, pagando uma quantia irrisória pelo seu trabalho.

Frente a isso o empregador (latifundiário) aproveita para estabelecer as condições de trabalho que lhe proporcione um acúmulo de capital excessivo em pouco tempo, pagando muito pouco pela mão-de-obra, ou seja, uma quantia irrisória em relação ao lucro que o trabalhador está produzindo. O sistema capitalista centralizou de vez o poder econômico nas mãos de poucos, no qual a riqueza desses depende da força de trabalho de muitos.

Feita uma pequena síntese sobre os traços mais consideráveis sobre as relações de trabalho do período feudal até a consolidação do capitalismo, ingressou-se no segundo ponto da pesquisa que é o cotidiano desses alunos do campo, enfocando nas condições que estes enfrentam até chegar à cidade, onde estudam, pré-adolescentes e adolescentes que estão cursando o ensino fundamental (6° a 9° ano) na Escola Estadual Coronel Felipe de Brum situada na cidade de Amambai-MS, escola freqüentada por alunos que pertencem a famílias de baixa renda, segundo observação e conversa com a diretora.

Algo importante é contar a história da Escola Estadual Coronel Felipe de Brum, já que o objeto de pesquisa são os alunos do campo que estudam nela. Instalada à Rua Duque de Caxias, n° 1407, no centro da cidade de Amambai é uma das escolas mais antigas do município. Fundada através do Decreto Governamental nº 864, de 22 de janeiro de 1950, e efetivamente instalada em 05 de abril de 1950.

Funcionando em três turnos, o estabelecimento oferece Ensino Fundamental, Médio e Educação para Jovens e Adultos (EJA). Sua história se funde com a própria

[6] Ver em HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções* 1789-1848. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 18ª ed. – Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1977. p.48-57.

história do município. Atualmente, possui um quadro discente de aproximadamente 1400 alunos, e um corpo docente formado por 62 professores, todos habilitados, com formação superior, 25 funcionários administrativos e 02 coordenadores pedagógicos, e direção colegiada, composta pela diretora e vice-diretora.

Ao falar sobre educação do campo, um assunto de extrema complexidade devida às múltiplas interpretações que cercam esta temática, é plausível primeiramente procurar entender sucintamente o cotidiano dos seus protagonistas, ou seja, os alunos do campo. Como já mencionado é definido como sucinto pelo fato de se utilizar o conceito de cotidiano defendido por Mary Del Priory. Segundo a autora em seu ensaio intitulado como História do Cotidiano e da Vida Privada, ela define cotidiano da seguinte forma:

> O que entendemos, normalmente, por vida cotidiana? No sentido comum, o termo remete, com imediatismo, à vida privada e familiar, às atividades ligadas à manutenção dos laços sociais, ao trabalho doméstico e às práticas de consumo. São assim, excluídos os campos de econômico, do político e do cultural na sua dimensão ativa e inovadora (...) A evidência mesma de uma "vida cotidiana" constitui um mecanismo magistral de dicotomização da realidade social. De um lado temos uma esfera onde se produzem bens e uma atividade produtiva, um lugar de acumulação e, por isso mesmo, de transformação. Ai localizado, encontramos o campo onde se articula o futuro de uma formação social, onde se concentra tudo o que faz História. De outro lado, temos uma esfera de "reprodução", ou seja, de repetição do existente, um espaço de práticas que regeneram formas, sem, contudo, modificá-las nem individualizá-las. Um lugar de conservação, de permanências culturais e de rituais: um lugar "privado" da História. (DEL PRIORY; 1997: 259).

Considerando as palavras da autora o cotidiano não é definido simplesmente pelas tarefas e as ações rotineiras das pessoas, das famílias e dos grupos, esta terminologia define muito mais que isto, pois reúne as relações do homem com o mundo, ou seja, é o diálogo entre o social, o político, o econômico e o cultural. Portanto, não se pode falar de cotidiano ignorando as relações existentes entre esses fatores, uma vez que estão intimamente ligados um ao outro. Sendo assim a pesquisa limitou-se a explanar apenas o cotidiano escolar dos alunos, entretanto, voltar-se-á os olhos para algumas condições financeiras e culturais da família, caso sejam pertinentes para ilustrar determinadas situações que os alunos vivenciam.

No início da pesquisa de campo, buscou-se conhecer quem eram os alunos do campo; informação esta conseguida através dos professores. Em seguida buscou-se os primeiros contatos com os alunos, iniciou-se com uma conversa informal, pois com base no manual de história oral[7], o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador, quando uma pesquisa depende de entrevistas, é ganhar a confiança do entrevistado, portanto aproveitou-se as aulas de estágio[8] para estabelecer esta aproximação, com o intuito de conquistar esta confiança, extremamente necessária para o que se propõe a seguir.

Os alunos do campo enfrentam dificuldades ímpares para darem prosseguimentos em seus estudos. Obstáculos esses que foram elencados considerando os resultados obtidos através das visitas diárias na escola, das conversas informais com os alunos e das análises dos questionários que eles responderam. A finalidade de todo esse processo de pesquisa era de obter um embasamento científico e social sobre estes personagens da história recente.

Considerando todos os problemas que o aluno do campo enfrenta, tais como: viagem longa e cansativa até a escola; a questão do horário (acorda-se muito cedo); a alimentação inadequada e, em alguns casos a falta de meios de informações como revistas, jornais e internet constatou-se que mesmo mediante tais dificuldades estes alunos possuem um razoável rendimento escolar, ou seja, o índice de reprovação é menor do que o de aprovação. Este fato é muito importante, pois é através do desenvolvimento dos alunos que, a educação atua como protagonista para uma qualidade de vida melhor das pessoas que habitam o campo.

Para tanto esta afirmação é justificada na obra Por uma educação do campo, onde o autor Miguel Gonzalez Arroyo diz:

> A educação faz parte da dinâmica social e cultural mais ampla. Os educadores estão entendendo que estamos em um tempo propício, oportuno e histórico para repensar radicalmente a educação, porque o campo no Brasil está passando por tensões, lutas, debates, organizações, movimentos extremamente dinâmicos. (ARROYO, 2004, p. 70)

---

[7] Ver em MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura revisada* 5ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2003. 153 páginas.

[8] A pesquisadora é aluna do curso de História, e na ocasião da execução desta etapa do trabalho, cursava a disciplina de Estágio Supervisionado em História no Ensino Fundamental.

De acordo com as palavras de Arroyo percebe-se que cada vez mais os estudos voltados para o cotidiano do homem do campo tornam-se de extrema importância e, a educação é um dos temas que deve ocupar atenção especial neste contexto. Sendo assim, durante esses 12 meses de pesquisa que se realizou com os alunos do campo da Escola Estadual Coronel Felipe de Brum, buscou-se verificar como esses alunos conseguem conciliar todos os problemas elencados acima com o estudo.

Para alcançar um melhor desempenho e maior precisão na apuração dos fatos que se obteve na realização da pesquisa, além das bibliografias voltadas para a temática também apoiou-se em obras de história oral. Portanto foi utilizado o manual de história oral do autor Antônio Torres Montenegro[9], onde ele diz que o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador, quando uma pesquisa depende de entrevistas, é ganhar a confiança do entrevistado, portanto aproveitou-se as aulas de estágio[10] para estabelecer esta aproximação, com o intuito de conquistar esta confiança, extremamente necessária o desenvolvimento do trabalho.

Ressaltando que esta pesquisa, além de conversas informais fez uso de questionários, lembrando que a escola não autorizou para entrevistas gravadas, portanto, esta primou pela qualidade e não pela quantidade, uma vez que os problemas que giram em torno dos alunos são semelhantes e a forma como eles os enfrentam são similares. No entanto, mesmo com todas essas dificuldades salientadas que afeta diretamente no aprendizado desses alunos, a grande maioria pretende prosseguir com seus estudos até as etapas finais (conclusão do ensino médio) e futuramente ingressar em um curso superior. Com relação a este fato Nelson Pileti afirma que:

> Somente a partir do momento em que a pessoa pode se desenvolver plenamente é que tem condições de se sentir realizada. Realizar-se significa executar os planos que cada um estabeleceu para sua vida. (PILETTI, 1998, p. 67)

Bem, considera-se prematuro afirmar que esses adolescentes já possuam um plano concreto em relação ao seu futuro, mas é ponto pacífico que suas vidas estão

[9] Sobre o assunto ver: *História Oral e Memória: a cultura revisada* 5ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2003. 153 páginas.

[10] A pesquisadora é aluna do curso de História, e na ocasião da execução desta etapa do trabalho, cursava a disciplina de Estágio Supervisionado em licenciatura em História no Ensino Fundamental no ano de 2008.

tomando rumos diferentes das de seus pais que, na grande maioria possuem um baixo índice de escolaridade quando não são analfabetos.

Com relação aos apontamentos citados sobre a convivência entre professores e alunos tanto do campo como da cidade, destacou-se a maneira como os profissionais da educação conduzem suas aulas. Com base nas observações e principalmente respaldando-se em Paulo Freire a forma de ensinar adotada por eles é o tradicional ensino bancário que segundo as palavras do autor é definida como:

> A narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. (FREIRE; 1987: 58).

Deste modo, o professor tem em mãos o poder de transformar as mais terríveis mentiras em verdades indubitáveis, construir uma realidade convencional priorizando os interesses que são favoráveis para a classe opressora e, tendo como resultado as complexas relações de poder e lutas entre grupos. Portanto, partindo desta afirmativa educação, política e poder são termos extremamente indissociáveis, um necessitando do outro para se consolidar.

Considerando o pensamento freiriano e principalmente o que é discorrido em "Pedagogia do Oprimido", a classe dominante tem conhecimento desta situação e como esta tem em mãos o exercício do poder e, conseqüentemente o poder de decisão, ela cria os melhores artifícios para manipular e dominar o pensamento dos oprimidos, com seus discursos alienadores; onde a intenção é evitar que aconteça uma revolta e, para isso qualquer pensamento crítico ou idéia que, vai contra seus objetivos devem ser aniquilados. Para tanto Freire explica:

> De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade [...] dentro desta visão inautêntica de si e do mundo os oprimidos se sentem como se fossem uma quase "coisa" possuída pelos opressores [...] no seu afã de possuir, para este, como afirmamos, *ser* é *ter* à custa quase sempre dos que não têm [...] (FREIRE; 1987: 50-51).

Sendo assim é importante lembrar que o ofício do professor não é apenas dominar os conteúdos de suas respectivas disciplinas, o papel do professor é pautado pela pluralidade, ou seja, a responsabilidade do educador ao contrário do que muitos pensam vai além do saber ensinar matérias, pois antes de ensinar é necessário conhecer em qual contexto social seus alunos estão inseridos, tendo em vista que o ensino deve estar ligado com a realidade dos alunos. Nesta perspectiva Fernanda da C. G. Carvalho discursa:

> Consideramos a escola, um dos primeiros espaços de experimentação das atitudes e dos valores humanos. No entanto, este cotidiano necessitará ainda de políticas educacionais mais eficientes e verdadeiramente comprometida com a educação dos filhos e filhas das classes trabalhadoras. Não podemos mais conservar antigas orientações que foram realizadas no passado. Procedimentos pedagógicos extremamente voltado para docilizar e preparar a criança e o adolescente para o trabalho na sociedade capitalista. (CARVALHO; 2005: 5).

Outras responsabilidades que também fazem parte da profissão de professor e, que muitos desconhecem é a participação das práticas de organização e de gestão da escola. Portanto, pautando-se no autor José Carlos Libâneo, o profissional da educação não deve atuar sozinho, antes de cada um partir para a sala de aula, deve trabalhar em equipe, de forma a propiciar momentos de discussão para garantir que a tomada de decisões na definição de formas de ação e de procedimentos sejam as mais viáveis para o melhor desenvolvimento do seu trabalho.

Ou seja, para que haja um bom desempenho na busca da educação de qualidade, deve existir uma união de forças, no qual o professor, sem fazer apologias, é o protagonista. O professor, sendo bem respaldado, promove as mudanças sociais as quais uma sociedade se norteara. Por este viés volta se ao contexto onde se discute o poder de transformação que o conhecimento traz, e sobre as discussões que as práticas pedagógicas revelam sobre libertação ou repressão do individuo. Jennifer M.Gore ressalta que:

> (...) Sem ser inteiramente uma fonte de dominação nem de resistência, a pedagogia não está também nem fora do poder nem inteiramente circunscrita por ele. Em vez disso, é ela própria uma arena de luta. Não existem praticas pedagógicas inerentemente libertadoras ou inerentemente repressivas, pois qualquer pratica é coopitável e qualquer pratica é capaz de tornar-se uma fonte de resistência. Afinal, se as relações de poder são dispersas e fragmentadas ao longo do

> campo social, também o deve ser a resistência ao poder.(GORE;1994:15)

Por este preceito, volta-se as discussões sobre o confronto entre o cotidiano de uma dada sociedade, o saber científico e o saber dito popular, a vivencia dos alunos e a aprendizagem escolar, em suma, o papel da escola, do aluno, e do educador. Em a Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire destaca que:

> Pensar a História como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação não pode tudo, pode alguma coisa. Sua força, como costumo dizer, reside na sua fraqueza. Uma das nossas tarefas, como educadores e educadoras, o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais "redondo", menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia: Unidade na Diversidade. (FREIRE; 2001: 35-36).

Diversidade, esta é uma das palavras mais usadas quando o assunto diz respeito à educação. Mais esta diversidade vai mais além das fronteiras da escola, pois ela se remete às problemáticas que tangem os âmbitos de uma sociedade. Os PCNs propõem em seus escritos uma série de enredos no que diz respeito a um mundo plural e diversificado. Este manual discursa que:

> (...) é fundamental que os alunos aprendam a reconhecer costumes, valores e crenças em suas atitudes e hábitos cotidianos e nas organizações da sociedade; a identificar os comportamentos, as visões de mundo, as formas de trabalho, as formas de comunicação, as técnicas e as tecnologias em épocas datadas; e a reconhecer que os sentidos e significados para os acontecimentos históricos e cotidianos estão relacionados com a formação social e intelectual dos indivíduos e com as possibilidades e os limites construídos na consciência de grupos e classes. (PCN; 1998:77).

Ao pensar nas questões que prescrevem as discussões acerca da problemática sobre classes, trabalho, cultura e suas características, percebe-se a abrangência dos estudos que dizem respeito à educação. Quando ela realmente é pesquisada com afinco os substratos sociais tornam-se evidentes. Ou seja, é através das pequenas peculiaridades que se encontram as compreensões da sociedade.

Uma das evidências constatadas nos primeiros meses de pesquisa que consolida o pensamento de Freire é o fato da grande maioria dos alunos do campo ter acesso apenas aos livros didáticos que o governo oferece. E como tal os livros didáticos

elaboram seus conteúdos de acordo com os preceitos do sistema capitalista[11], ou seja, a educação é vista como um produto que auxilia o capitalismo cada vez mais a se fortalecer.

O fato dos alunos não terem acesso à leitura de revistas e jornais é considerado uma deficiência na aprendizagem, pois o acesso a estes materiais de apoio poderia auxiliá-los no desenvolvimento de um vocabulário mais vasto e mais articulado. Outro ponto positivo é que mediante estas informações extraclasses eles poderiam adquirir formas de construir as suas próprias identidades. Confirmando esta afirmação o PCN do Ensino Fundamental diz:

> Cada vez mais a linguagem cultural inclui o uso de diversos recursos tecnológicos para produzir processos comunicativos, utilizando-se diferentes códigos de significação (novas maneiras de se expressar e de se relacionar). Além dos meios gráficos, inúmeros meios audiovisuais e multimídia disponibilizam dados e informações, permitindo novas formas de comunicação. (PCN, 1998, p. 135)

Seguindo esta mesma perspectiva devem ser destacados os aspectos que desrespeitam os estereótipos construídos pela população urbana acerca da identidade do homem do campo, pois este também é um assunto que a escola deve trabalhar[12]. Dentro desta temática Miguel Gonzalez Arroyo diz:

> Como a escola vai trabalhar a identidade do homem e da mulher do campo? Ela vai reproduzir os estereótipos da cidade sobre a mulher e o homem rural? Aquela visão de Jeca, aquela visão que o livro didático e as escolas urbanas reproduzem quando celebram as festas juninas? É esta a visão? Ou a escola vai recuperar uma visão positiva, digna, realista, dar outra imagem do campo? (ARROYO, 2004. p. 81)

Esta competência é dada à escola pelo fato dos estudantes passarem boa parte de seu tempo dentro dela, mas certamente não compete somente a ela esta função, no entanto, é importante que no ambiente escolar se quebrem os preconceitos direcionados ao homem do campo. Pois há de se ressaltar que esses adolescentes não estão apenas se preparando intelectualmente dentro da mesma, mas estão dando exemplos de que,

---

[11] Sobre o assunto ver: APPEAL, Michael. *Políticas culturais e o texto.* Conhecimento Oficial: a educação democrática numa era conservadora. Petrópolis: 1997, (p. 69-96).

[12] Sobre o assunto ver: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: *Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 páginas.

apesar das dificuldades eles são capazes de conseguirem um bom índice de aprovação de igualmente aos alunos da área urbana.

Em suma, os alunos e alunas que foi possível conhecer na realização desta pesquisa estão buscando transformar sua realidade social e de suas famílias. Estes fazem parte de um substrato que abrange toda uma sociedade rural, onde sua maneira de sobreviver e se possível prosperar é através do trabalho.

Em doze meses de pesquisa, na qual os alunos do campo foram os protagonistas, a pesquisadora procurou elencar os maiores problemas que cercam esses indivíduos. Ao encontrá-los e elencá-los procurou-se entender e discutir dois pontos principais, o primeiro é como vem se desenvolvendo o processo de aprendizagem dos alunos do campo que se deslocam todos os dias até a cidade de Amambai para estudar na Escola Estadual Coronel Felipe de Brum, e o segundo é referente à rotina desses alunos, ou seja, quais as dificuldades que são obrigados a enfrentar diariamente para ter acesso a educação.

No entanto, para ilustrar da melhor maneira possível foram discutidas diversas peculiaridades que formam o cotidiano desses alunos que, serviram para elucidar os objetivos pelos quais o projeto se propôs a alcançar. Chegando ao término desta pesquisa é coerente dizer que o estudante do campo constrói a sua história diariamente e, as dificuldades enfrentadas por eles produzem o enredo de uma população que busca o seu espaço e seu valor numa sociedade totalmente voltada ao urbano.

A pesquisa se desenvolveu dentro de uma perspectiva que buscasse abranger a história e a educação com o intuito de apresentar um resultado que alcançasse uma relevância social. Sendo assim, almeja-se ter conseguido desenvolver e expor aquilo que estava proposto no projeto. Há consciência de que não foi possível preencher todas as lacunas que envolvem a educação do campo e o cotidiano desses alunos, mas aspectos importantes que tangem este tema foram esclarecidos com coerência.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, José Carlos. *O Educador a Caminho da Roça: notas introdutórias para uma conceituação de educação rural***.** Campo Grande-MS, UFMS/Imprensa Universitária, 1986. 232 páginas.

APPEAL, Michael. *Políticas culturais e o texto. Conhecimento Oficial: a educação democrática numa era conservadora***.** Petrópolis: 1997, (p. 69-96).

ARROYO, Miguel González; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (organizadores). *Por uma educação no campo*. – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004. 214 páginas

CARNEIRO, Moacir ALVES. *LDB Fácil: leitura crítico compreensiva: artigo a artigo*. – Petrópolis-RJ, editora Vozes, 1998, 216 páginas.

CARVALHO, Fernanda de C. G. *A prática pedagógica tradicional e a perspectiva freiriana de educação*. In: Revista Contexto V.4. N.6, Ed. FAESC, 2005.

DEL PRIORY, Mary. *História do Cotidiano e da Vida Privada*. In: CARDOSO, Ciro Framarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro. Ed. Campus, 1997. 508 páginas.

FREIRE, Paulo**.** *Pedagogia do Oprimido*, 17° ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1987. 184 páginas.

GORE, Jennifer M. *Foucault e Educação: fascinantes desafios*. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). O sujeito da educação: estudos foucautianos. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994. 258 páginas.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira . de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização***.** – São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção Docência em Formação / coordenação Antônio Joaquim, Selma Garrido Pimenta). 408 páginas.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura revisada* 5ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2003. 153 páginas.

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: *Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 páginas.

PILETTI**,** Nelson. *Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental*, 23 ª edição – São Paulo – SP, Editora Ática, 1998.

PONCE, Anibal. *Educação e lutas de classes.* Tradução de José Severo de Camargo Pereira. – 17. Ed. – São Paulo: Cortez, 2000. 196 páginas.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política.* – 37. Ed. – Campinas, SP: autores Associados, 2005 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5). 94 páginas.